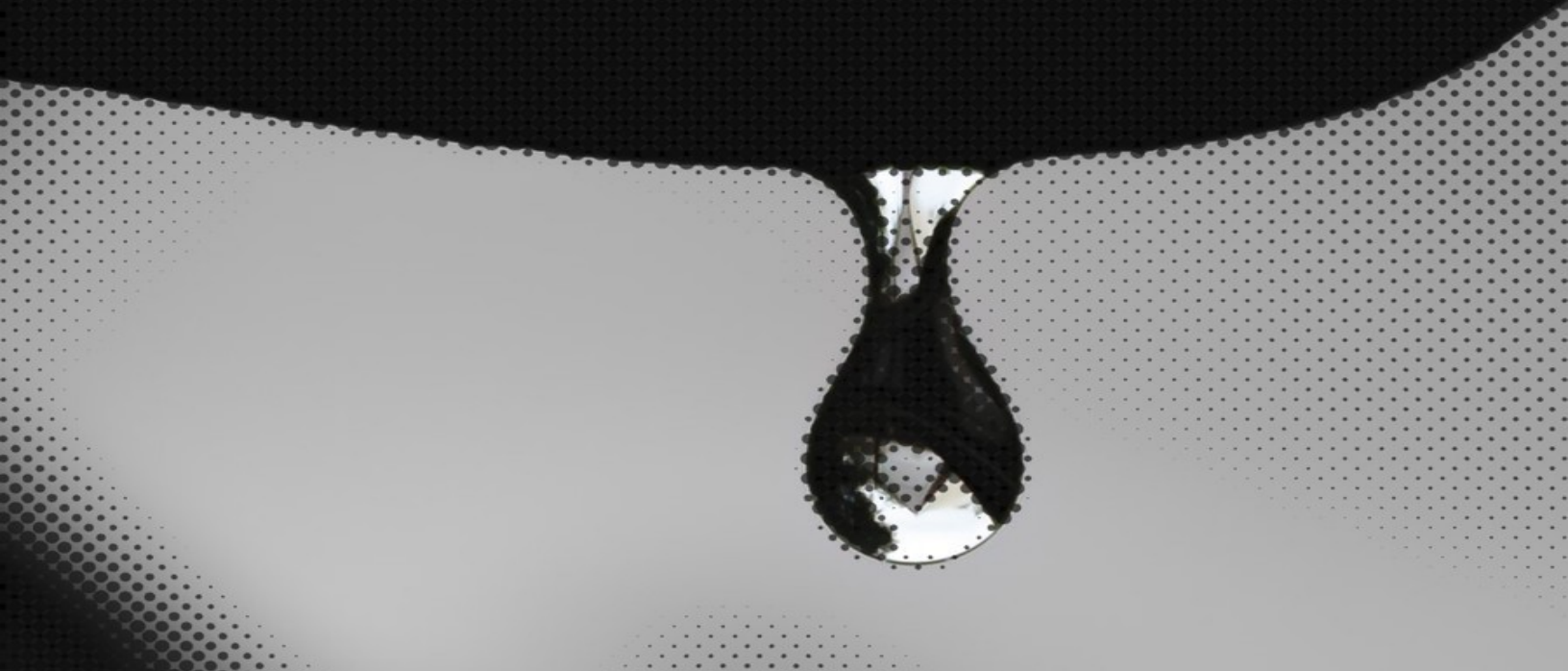


Camilo Castelo Branco



*Lágrimas
Abençoadas*

Camilo Castelo Branco

Lgrimas Abençoadas



Publicado pela Editora Good Press, 2022

goodpress@okpublishing.info

EAN 4064066407148

ÍNDICE DE CONTEÚDO

OBRAS

LI

LAGRIMAS ABENÇOADAS

VOLUMES PUBLICADOS

LAGRIMAS ABENÇOADAS

ROMANCE

A QUEM LER

Lgrimas abençoadas

LIVRO I

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

LIVRO II

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

LIVRO III

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

XXI

XXII

XXIII

XXIV

XXV

XXVI

XXVII

XXVIII

LIVRO ULTIMO

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

XI

XII

XIII

XIV

XV

XVI

XVII

XVIII

XIX

XX

OBRAS

[Índice de conteúdo](#)

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

LI

[Índice de conteúdo](#)

LAGRIMAS ABENÇOADAS

[Índice de conteúdo](#)

VOLUMES PUBLICADOS

[Índice de conteúdo](#)

- N.º 1--Coisas espantosas.
- N.º 2--As tres irmans.
- N.º 3--A engeitada.
- N.º 4--Doze casamentos felizes.
- N.º 29--As virtudes antigas--Um poeta portuguez... rico!
- N.º 30--A filha do Doutor Negro.

- N.º 5--O esqueleto.
- N.º 6--O bem e o mal.
- N.º 7--O senhor do Paço de Ninães.
- N.º 8--Anathema.
- N.º 9--A mulher fatal.
- N.º 10--Cavar em ruínas.
- N.ºs 11 e 12--Correspondencia epistolar
- N.º 13--Divindade de Jesus
- N.º 14--A doida do Candal.
- N.º 15--Duas horas de leitura.
- N.º 16--Fanny.
- N.ºs 17,18 e 19--Novellas do Minho.
- N.ºs 20 e 21--Horas de paz.
- N.º 31--Estrellas propicias.
- N.º 32--A filha do regicida.
- N.ºs 33 e 34--O demonio do ouro.
- N.º 35--O regicida.
- N.º 36--A filha do arcediago.
- N.º 37--A neta do arcediago.
- N.º 38--Delictos da Mocidade.
- N.º 39--Onde está a felicidade?
- N.º 40--Um homem de brios.
- N.º 41--Memorias de Guilherme do Amaral.
- N.ºs 42, 43 e 44--Mysterios

- N.º 22--Agulha em palheiro.
- N.º 23--O olho de vidro.
- N.º 24--Annos de prosa.
- N.º 25--Os brilhantes do brasileiro.
- N.º 26--A bruxa do Monte-Cordova.
- N.º 27--Carlota Angela.
- N.º 28--Quatro horas innocentes.
- de Lisboa.
- N.ºs 45 e 46--Livro negro de padre Diniz.
- N.ºs 47 e 48--O judeu.
- N.º 49--Duas épocas da vida.
- N.º 50--Estrellas funestas.
- N.º 51--Lagrimas abençoadas.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

LAGRIMAS ABENÇOADAS

[Índice de conteúdo](#)

ROMANCE

[Índice de conteúdo](#)

QUARTA EDIÇÃO

1906

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Livraria editora e Oficinas Typographica e de Encadernação
Movidas a electricidade
Rua Augusta--44 a 54
LISBOA

1906
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a electricidade
Da Parceria Antonio Maria Pereira
Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º andar
LISBOA

A QUEM LER

[Índice de conteúdo](#)

QUE FELICIDADE É POSSIVEL SOBRE A TERRA: tal é o pensamento d'este romance.

QUE FELICIDADE, CONFESSADA PELA CONSCIENCIA, É A UNICA VERDADEIRA: quizera eu poder provar, assim como posso sentir.

QUE A FELICIDADE VEM A PREÇO DE LAGRIMAS, COMO A CONSOLAÇÃO DO SALVAMENTO A PREÇO DAS AGONIAS DO NAUFRAGIO: é um paradoxo, talvez, para os que não conhecem a verdadeira felicidade, nem choraram as lagrimas abençoadas da resignação.

Este romance é religioso na essencia. Escreve-se ahi muitas vezes a palavra DEUS. Evitam-se as imagens do deleite, o pasto de ociosos, gastos do coração, e fallidos da alma. Os que buscam no romance qualquer cousa que não sirva de nada para o espirito, não leiam este.

Eu espero achar entendimentos que m'o recebam, e corações que m'o agradeçam.

Vereis ahi uma mulher, que não é uma chimera. Imaginei-a, primeiro, e encontrei-a fóra da imaginação, depois.

Maria, linda creatura da terra, é a rainha de dois diademas: um no céo: os anjos, seus irmãos, tecem-lh'o das flores, que ella rega no mundo com as suas lagrimas. Outro na terra: é a soberania da virtude, respeitada, embora não compreendida, pelos homens que lhe acurvam o joelho.

Eu sou um d'estes.

E o meu romance é uma palavra d'esse cantico de louvor, que o espirito não póde revelar aos que, no seu caminho, não parariam a compreender-lh'o.

Meditemos este assumpto.

Ha ahi n'esse mundo material uma decidida negação para acompanhar o espirito nas suas elevações. Eu sei-o.

Um ou outro homem encosta a face á mão, abraça os horisontes com uma vista scismadora, afina a harpa da sua alma pela toada sonora dos pinhaes; compõe das notas lugubres da tempestade a harmonia tetrica, e desfigura-se, e poetisa, e parece não querer nada de commum com a fraca natureza humana. É o sentimental.

O sentimentalismo, sem a religião, é uma mentira.

O que ahi vae de phantastico e espiritualista nos affectos, é uma exigencia da epoca, é um encargo que a mocidade se impoz, é a precisão de variar. Diga-se tudo: é a moda.

Não porque a vida seja feliz, e a natureza do homem precise inventar amarguras, para que a felicidade o não

enjoe;

Não porque o espirito, extenuado em sensualidades procure, no ideal, respirar o elemento de vida, que lhe é proprio;

É porque as felicidades, saboreadas n'estes tempos não deixam no coração motivo para um hymno. O homem, que não póde apagar na mente a faísca do genio, que lhe desceu ao berço, ou mata a inspiração na orgia, ou abysma-se com ella, por feretros e ossadas até materialisa'-la nas fórmãs repugnantes de uma dor monstruosa.

E, se assim não fizer, o seu alaúde não tem sons, e o genio fallece-lhe de impotencia. Mas o poeta quer este titulo; cantor quer a grinalda das flores em troca da corôa de espinhos; é preciso cantar.

Se lhe pedissem, em vez de horrores, uma poesia banhada de luz celeste, em que os mil reflexos de cima fossem as virtudes possiveis no mundo...

Se lhe pedissem, em vez da pagina sempre negra da sua vida, as alvissimas alegrias de uma virgem, que, a fugir de um mundo, que se lhe pinta ingrato á sua alma candida, se refugia aos pés de Maria, Rainha das Virgens, a pedir-lhe o céu, como repouso inviolavel da innocencia...

Se lhe pedissem a doçura das lagrimas da pobre, que aconchega seus filhos n'um envoltorio de andrajos, e ajoelha depois, entregando-os á Providencia, para que, ao amanhecer, não sejam muito repetidos os seus gritos de fome...

Pedi.

O poeta ha-de dizer-vos que a luz do céu é esse oceano de luz, que banha a terra, quando as arvores florescem e as

árvores saudam ao alvorecer um sol esplendido.

Ha-de falar-vos da virgem, arfando esperanças no seio immaculado, mas esperanças todas d'aqui, todas embalsamadas pelo incensório das paixões terrenas.

O pobre, esse que vale bem a pena de uma poesia, de uma pagina de romance, é sempre a victima da má organização social, e de uma mentirosa economia politica. Vê'-lo-heis invectivar o rico, com toda a iracundia de uma inoffensiva estrofe; mas o pobre que continua nas palhas da miseria, esse não recebe uma consolação em nome do futuro, do céu, e das promessas de Jesus Christo. É sempre o pobre recrutado para as fileiras que guerreiam o rico.

Eu pensei, uma vez, na vastidão de assumptos sobre que o sceptro do talento estende o seu imperio. Chamando á reminiscencia o acervo de leituras recreativas, que fiz, durante alguns annos, entrevi nos meus tempos nebulosos o muito tempo consumido, os muitos volumes folheados, e não poderei classificar-vos, em synopse de idéas, uma só que me prestasse ao espirito, ou ao coração, ou á cabeça.

Aprendi o desengano no romance, antes que a sociedade m'o desse.

Libei na poesia do seculo a mentira, antes que o coração contaminado m'a inspirasse.

Aborreci-me de mim e das minhas leituras, como se o livro e a poesia fossem um sarcasmo para quem nas más horas, lhe mendiga esparecimentos para o espirito.

Vislumbravam-me no escuro das minhas idéas religiosas uns clarões pallidos do que o romance e a poesia deveriam ser para adoçarem muitos infortunios. Mas, que me

pedissem a idéa formulada no livro! Faltava-me a convicção das virtudes do balsamo para saber applica'-lo á ferida.

Não tinha eu provado ainda as doçuras da religião para sentar-me com a taça do Evangelho, á borda do caminho, e dizer ao peregrino cançado:

Bebe!.....

Dão-vos tédio estas minhas considerações? Não são vaidosas. Eu juro-vos que me doeria muito se uma verdade, esboçada com amplos contornos, não valesse mais que uma mentira, alinhada com o ouropel de um desusado estylo.

O que está dito é o prefacio do meu romance. Duas palavras resumem-n'o laconicamente n'uma idéa conceituosa.

Sei em que tempo escrevo, e comtudo, ousos nos estreitos limites de que posso dispôr, ajustar em molde christão um genero, raras vezes assim tratado, quer pela costumeira da forma, quer pelo estylo, quer pelas leis da escola.

Escrevo um romance, ou antes descanto em prosa uma virtude, porque não desafinarei, em quanto possa, a lyra em que fiz soar algumas poesias, unicas de que me não culpo, nem arrependo. As outras...

Se eu pudesse avaliar a vossa opinião, consolava-me de não ser enganado pela minha consciencia de christão e de artista.

Porto--em 1853.

LAGRIMAS ABENÇOADAS

[Índice de conteúdo](#)

LIVRO I

Índice de conteúdo

I

Índice de conteúdo

Disseram muitos dos que estavam em redor de uma creancinha, na pia do baptismo, que na face d'ella havia uma luz mysteriosa, como a projecção de um cirio invisivel, que, n'aquelle instante solemne, allumiasse, nas mãos de um anjo, as cerimoniaes do sacramento augusto. Visão de boas almas.

Era uma menina de nove dias.

Sua madrinha era Nossa Senhora da Conceição, fulgurante de mil lumes, no seu docel de seda e prata, com as mãos cruzadas sobre o seio, com os olhos extaticos no céo, como seguindo o trilho de estrellas por onde, aos pés do Eterno, voejava o anjo da ANNUNCIAÇÃO.

Seu padrinho era um duque, vestido de ouro, com as suas insignias de general em chefe, com o seu thesouro de condecorações guerreiras a cobrirem-lhe o peito, onde pulsava sangue de reis, que não valia mais, por isso, em coração de homem.

Seu pae era um coronel, fidalgo dos que primeiro o foram n'esta terra, valente como o primeiro e o ultimo da sua linhagem, e honrado como aquelle de seus avós, que morrera desterrado, em Tanger, por não denunciar o que lhe fôra amigo desleal, embora traidor ao rei D. João II.

Era o coronel... que vos importa o nome?!...

Sua mãe nascera dama de D. Maria I, crescera mimo de galanteria e docilidade, emancipára-se donzella de todas as

virtudes, casára-se, mulher, exemplo das mais santas affeições de um marido, e fôra mãe como póde se'-lo a mulher, depois que a Virgem Maria alimentou um filho, depois que Jesus Christo rehabilitou a fascinada da serpente, depois que a filha de Eva entrou no seu reconquistado Eden, a colher a flor da dignidade, regada pelo sangue do filho de Maria.

II

Índice de conteúdo

Este dia, jubilo de anjos, para os quaes os orvalhos do céo, fecundando as aguas do baptismo, geram na terra um irmão; jubilo de seus paes, que, depois de quatro filhos, tinham um novo penhor de innocencia para, em seu nome, agradecer, com labios puros, as esmolas do céo; jubilo da egreja catholica, que estremece de felicidade, quando entra em seu seio um filho, que lhe gosta o leite da virtude, como sustento da immortalidade: este dia amanheceu em 1827.

Maria era o incentivo de tanta alegria. Nos braços de sua mãe, com o seu olhar errante pelas faces desmaiadas d'ella, que parecia sorve'-la com os seus beijos, como se aquelles fossem os ultimos; Maria, a afilhada da Senhora da Conceição estava alli asseverando o que tantos diziam da luz mysteriosa, que na pia do baptismo, lhe illuminava a face.

A pureza dos anjos, não será como a santidade do predestinado!? E o justo, na ultima hora da sua passagem na terra, quando o anjo da serenidade lhe alveja o rosto com as suas azas transparentes, não será como a creancinha immaculada, cuja alma vem brincar-lhe ao rosto

com toda a pureza e innocencia, que o halito creador lhe bafejou!?

A mãe de Maria chorava e as suas lagrimas desconsolavam o pae, que as não queria ver n'aquelle dia, n'aquella hora, tão faustosa, tão de gala para os parentes, que se abraçavam em redor do leito.

Mas fossem calar-lhe o presentimento no coração! Digam á flôr que não penda amortecida sobre a haste, quando o sol se esconde! Digam ás lagrimas, que estanquem nos olhos, quando o que chora não sabe d'onde ellas nascem, nem o que contempla sabe a linguagem do espirito, para consola'-lo em seus presentimentos sobrenaturaes!

Porque é que aquella mãe não buscava o allivio no sorriso de seu marido? Porque não olha ella para os seus? Que é tão consolador ahi como a presença de um marido amado, quando a fraca mulher quer desaforo?

Não bastam allivios do mundo para essas ancias.

Deus! sim, para todas as afflicções, para todos os presagios, para todos os temores, para todas as mães que vaticinam desventuras a suas filhas!

Deus! E na sua imagem é que aquella mãe fitava os olhos. Depois, ao lado de Christo, estava outra imagem: era Nossa Senhora da Conceição. Que lhe dizia aquella pallida mulher, com sua filhinha nos braços? Ouviram-lhe só as derradeiras palavras:

«Minha Mae Santissima! entrego-vos a vossa afilhada!»

Viram um sorriso nos labios de Maria. Seria um acto maquinal dos labios? Porque é que os adultos não sorriem maquinalmente?... Lisongeiras duvidas para o homem que pensa nos segredos do homem.

III

Índice de conteúdo

Decorreram sete annos.

Eu não devo aqui pintar um quadro de guerra. Seria salpicar de sangue a tela onde me propuz traçar uma figura grandiosa, com o colorido suave da religião. Abomino a historia, se é força lembra'-la a testemunhas oculares. Ha ahi muitos escolhos que ludibriam os mais atilados pilotos. Escandecencias politicas não se refrigeram com o orvalho do céu. Se do pulpito o hyssope muitas vezes as exacerba, que fará d'aqui?!

E tomára eu que estas linhas, pallido reflexo do que ha de incommunicavel no meu coração, accendessem o amor de Deus, apagando a flamma das inimizades humanas! Tomára eu lagrimas e dó, e paz e esquecimento para os homens, que não devem aqui encher uma pagina de odio n'um livro que aconselha a resignação. Durmam uns e outros o breve somno, que vae do anoitecer da vida á alvorada do archanjo. Ver-nos-hemos em volta do juiz, que, nos seus dias de réo entre a humanidade pervertida, dissera:

«Só a mim pertence julgar os bons e os maus!»

Bemaventurados os que esperam.

IV

Índice de conteúdo

1834!

Foi um anno de muitas lagrimas. Debaixo d'este formoso céu esperdiçou-se muito sangue. As espadas terçavam por

duas causas, quando dois corações do mesmo sangue, na vanguarda de dois exercitos irmãos, anciavam aniquilarem-se. E, se, após o ruído das armas, se fazia o silêncio tétrico da morte, prorompíam depois os gritos das mães, das viúvas e dos orfãos. Paiz, onde esta harmonia de angústias se levanta de milhares de lábios para o céu, prova-se no supremo infortunio, e symbolisa o holocausto de uma vingança tremenda.

Tremenda... como a de Gaza e Moab!

«Que é dos teus edificios de marmore, cidade dos obeliscos!?» dizia o propheta das lagrimas.

Não vedes em Portugal os fustes das columnas dispersas na ruína dos grandes edificios?

Não vedes!--Pois que tem esta terra de commum com Moab e Gaza?

Que tem?!

O enviado de Deus responderia:

«Que é dos teus edificios de virtude, terra da honra e da probidade?»

«Que importam os coruchéos de vossos palacios, Balthazares do tempo, se lá não está a cruz veladora das felicidades da vida?!»

Mãe de Maria, porque choravas tu?

As tuas lagrimas já não eram um mysterio;

V

[Índice de conteúdo](#)

Uma vez, a esposa do coronel, com sua filhinha de sete annos, ajoelhava diante da imagem da Senhora da Conceição e murmurava esta prece:

«Virgem Maria, nunca a vossos pés caíram mais afflictas lagrimas! Attendei-me, Senhora, que eu sou uma fraca mulher, mãe de cinco filhos, esposa de um homem, que é o amparo d'esta pobre familia, que vos ajoelha! Vêde, ó Mãe dos afflictos, que o tumulto de meu marido é o tumulto d'estes orphãos, e o d'esta mãe desvalida, que não tem um palmo de terra onde possa regar com suas lagrimas um fructo, que mate a fome de seus filhos. Protegei-o, ó Senhora, n'esta guerra desastrosa, em que a cada instante cõe um pae de familia, tão desgraçada como a minha! Eu não vos peço as honras, e a subsistencia que meu marido ganhára no serviço da sua patria: o que eu vos peço é muito mais... é a vida de meu marido, mas só a vida, sem a gloria de vencedor, sem o premio do seu sangue derramado, sem mais outra riqueza que a do coração que elle tem, e a resignação com que vós, consoladora do infortunio, e eu, esposa extremosa, lhe adoçaremos a desgraça! Os labios da vossa afilhada não murmuram a oração de sua mãe, mas o seu coração é aquelle que vós lhe déstes ha sete annos! Eu vos supplico em nome d'ella. Fazei que estes olhos não sintam tão cedo o travo das lagrimas, que chora sua mãe! Piedade para todos nós!... amparo para meu marido... compaixão para todas as mães atribuladas, que, n'este momento, vos pedem, como eu, a vida de seus maridos...»

E era esta a oração que os suspiros não poderam cortar. Assim simples e angustiada, confirmava a verdade de uma grande dor que não escolhe palavras, nem se atavia das